

Apresentação

Rogério Caetano de Almeida

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Enéias Farias Tavares

Universidade Federal de Santa Maria

Gérson Luís Werlang

Universidade Federal de Santa Maria

Literatura e outras artes sempre dialogaram, produzindo obras híbridas, emparelhadas, inspiradas ou adaptadas, resultando em uma relação de autofagia não só fértil como necessária a autores, gêneros e audiências. No caso da cultura brasileira, porém, a situação é mais delicada, uma vez que, do passado ao presente, cultura, arte e estética – e suas consequentes experimentações e eventuais diálogos – sempre foram relegadas a segundo plano, não raro associadas a classes médias e altas, como se a cultura popular e expressões marginais não fossem dignas de observação, quanto mais de registro ou estudo.

Este número de Letras objetiva discutir a existência de poéticas interartes em nossa cultura brasileira, pensando de que modo a literatura nacional, no decorrer dos últimos dois séculos, e chegando à contemporaneidade, manteve uma relação promíscua e profícua com a pintura, o teatro, a música, a dança, os quadrinhos, o cinema, a arquitetura, entre outras expressões artísticas. Para tanto, nossa chamada foi pensada para reunir um conjunto ilustrativo de temas e autores que possibilitassem essa visão múltipla do assunto.

O dossiê sobre “Poéticas Interartes e Cultura Brasileira” abre com o texto “A música na ficção de Luiz Antonio de Assis Brasil: Um estudo a partir da intermedialidade”. Nele, Edemilson Antônio Brambilla e Ivânia Campigotto Aquino debatem como o elemento musical está presente nas narrativas do autor sul-rio-grandense Luiz Antonio de Assis Brasil, tanto no aspecto narrativo com enredos que tomam a música como seu elemento central, quanto estruturante, com obras que se assemelham a formas musicais. Em seu texto, os autores atentam para o diálogo entre música e ficção na própria estrutura da ficção assisiana.

Na sequência, em “Cantos da Pedra e do Mundo: Carlos Drummond, parceiro de Chico, Caetano e Milton”, Roniere Silva Menezes reflete a respeito de intertextos existentes entre a produção poética de Carlos Drummond e a dos compositores Chico Buarque, Caetano Veloso e Milton Nascimento. Segundo o autor, a literatura de Drummond marca-se por um ritmo singular, com

as pontuações éticas, políticas e sociais do poeta funcionando como alimento aos compositores que despontaram no Brasil a partir da segunda metade dos anos 1960. Drummond ofereceu ferramentas importantes ao desenvolvimento da MPB, inclusive com a criação de imagens que ressoam em várias canções.

No artigo “Amadurecimento, memória e afeto: O poder da fotografia em *Antes que o mundo acabe*”, Dudlei Floriano de Oliveira analisa o livro de Marcelo Carneiro da Cunha. Na obra, a fotografia não tem apenas papel informativo ou decorativo, mas ocupa espaço central, uma vez que o livro traz diferentes imagens, impressas junto ao texto, que compõem a narrativa, tornando-o uma experiência que mescla diferentes artes e linguagens. Em seu ensaio, Oliveira discute igualmente questões de fotografia levantadas por Roland Barthes, além de analisar a transposição do livro para o cinema, ampliando o fenômeno Interartes entre literatura, fotografia e cinema.

No ensaio “A série ‘Brasiliiana Steampunk’, de Enéias Tavares: Narrativas transmídia, escrita criativa e formação de novos públicos leitores”, Anderson Amaral de Oliveira parte de uma percepção de como a indústria cultural contemporânea propõe interações com seus consumidores de diferentes formas. Como se sabe, narrativas transmídia são uma tendência mundial, expandindo universos ficcionais, permitindo aos consumidores uma relação mais participativa com suas franquias favoritas. Em seu artigo, Oliveira discute as narrativas transmídia e analisar a série *Brasiliiana Steampunk* como um exemplo de produção brasileira, enfatizando seu livro mais recente, intitulado *Parthenon Místico*. Enquanto série, *Brasiliiana Steampunk* cria uma liga de heróis baseada em personagens clássicos da literatura brasileira, numa reavaliação da literatura nacional que objetiva a formação de novos leitores.

Em “A Paisagem Sonora dos Cadernos de Manuela, no romance *A casa das sete mulheres*, de Letícia Wierzchowski”, Viviane Aparecida Pandolfo Debortoli e Gérson Werlang debatem o romance de Wierzchowski, uma obra que narra a espera vivida pelas mulheres da família do General Bento Gonçalves durante a Revolução Farroupilha. A história é contada por dois narradores diferentes, sendo um deles a personagem Manuela, cujos cadernos servem de base para a análise que se propõe aqui, que é a de analisar a paisagem sonora nos Cadernos de Manuela. O termo paisagem sonora, criado por Murray Schafer (2011), advém dos estudos da acústica e foram transpostos aos estudos literários por Gérson Werlang (2011), quando estudou a obra de Erico Verissimo.

No texto “Identidades de gênero transgressoras na canção brasileira: as performances do corpo e da voz como poéticas interartes subversivas”, de Rafael Eisinger Guimarães e Ana Luiza Martins, os autores partem de uma reflexão sobre como na canção popular brasileira manifestam-se questionamentos da heteronormatividade, ora através do discurso; ora pela manifestação do desejo; ou, ainda, por meio do corpo, em performances transgressoras que colocam em diálogo distintas linguagens artísticas. Neste artigo, Guimarães e Martins tomam por base, em especial, as ideias de Carlos Mendonça e Felipe Kolinski Machado (2019), Renato Gonçalves (2019) e Rodrigo Faour (2006), acerca da canção brasileira, e de Adrienne Rich (2010), Judith Butler (2015), Luce Irigaray (2017), Monique Wittig (2019) e Paul B. Preciado (2019), autores que discutem as questões de gênero e sexualidade.

Em “A Bandeira do Elefante e da Arara’, de Christopher Kastensmidt: Narrativas folclóricas brasileiras e cultura popular transmídia”, Paulo Ailton Ferreira da Rosa Junior e Enéias Tavares discutem a potencialidade das narrativas folclóricas da literatura oral brasileira enquanto matéria para um dos fenômenos produzidos nessa cultura, a transmidialidade. Tendo isso em vista, o texto primeiro estuda o advento do folclore e das narrativas folclóricas na cultura popular, a partir de Cascudo (2006) e outros; em segundo plano, apresenta uma discussão sobre narrativas transmídia, a partir de Jenkins (2006) e outros; por fim, os dois primeiros tópicos são colocados em diálogo para apresentar um exemplo em que essas narrativas se replicam e se desdobram em um universo ficcional concebido pela cultura letrada oferecendo-lhes um novo fôlego e sendo voltada para jovens leitores.

Em “*Hamlet* na televisão: Interfaces entre palco e tela”, Paulo da Silva Gregório discute o modo como várias produções britânicas de peças de Shakespeare para a televisão foram adaptadas de montagens teatrais. Essas adaptações do tipo palco-para-TV exploram elementos teatrais, televisivos e cinemáticos por meio de cuja combinação as performances ganham sentido na telinha. Este artigo investiga traços desse tipo específico de adaptação shakespeariana. Dando ênfase a uma adaptação televisiva de *Hamlet*, uma montagem teatral dirigida por Gregory Doran na Royal Shakespeare Company (2008), Gregório discute os mecanismos de intermedialidade e os processos de remediação a partir dos quais esse *Hamlet* se constitui. Ao invés de ser um registro da performance para o palco, essa adaptação é uma forma híbrida que não apenas complica distinções tradicionais entre teatro e televisão, mas desafia noções de que adaptações do tipo palco-para-TV seriam apenas derivativas.

No artigo “Aprender com a adaptação: “O cão sem plumas”, de Maureen Bisilliat e João Cabral de Melo Neto”, Rogério C. de Almeida analisa trechos da obra poética *O Cão sem Plumás*, de João Cabral de Melo Neto, em comparação com trechos da obra fotográfica de Maureen Bisilliat, que homenageou a obra do poeta pernambucano. A comparação entre as obras possibilita um olhar de modificação e ressignificação nos poemas a partir do que a fotógrafa desenvolve na integração entre fotografia e poesia. Com isso, tal leitura se efetiva a partir das reflexões de Robert Stam e Linda Hutcheon, quando tratam da Teoria da Adaptação. Também foram utilizadas nas reflexões de Almeida sobre a obra de João Cabral críticos como Antonio Candido, Alcides Villaça e João Alexandre Barbosa.

Em “Canções de Tela: As composições-paisagem de Adriana Calcanhotto”, Rafael Barbosa Julião estuda a relação entre letra e música na obra de Calcanhoto. Segundo Julião, as canções de Calcanhotto apresentam uma diversidade de recursos construtivos, que criam paisagens e evidenciam o trânsito entre a literatura, a música e as artes plásticas, de modo que processos fonéticos, sintáticos e semânticos acabam por se traduzir, de modo sofisticado, em formas, cores e enquadramentos. Tendo como base os estudos semióticos da canção popular, o artigo analisa algumas canções da artista brasileira, de modo a iluminar as artes plásticas e a palavra cantada em sua obra.

No texto, “Afiml, quem é o autor?: Autoria em tempos digitais”, Bryan Rafael Dall Pozzo e Sergio Marcone Santos discutem as diferentes formas de autoria que surgem através de cola-

orações diversas proporcionadas pela Rede. Para tanto, exploram um pouco da tensão entre a propalada liberdade na internet em face dos aspectos de subversão e coerção. Em seguida, os autores debatem como estes influenciam produções de literatura e de jogos digitais no século XXI. Por fim, refletem sobre a importância da colaboração por fãs, uma colaboração capaz de exercer grande influência em produtos digitais, mesmo estando sujeita a regras de criação e mercado, pois, embora jogos e textos literários flertem com maiores possibilidades de agenciamento, a própria mecânica da rede tende a coibi-las.

Em “*Angústia* de Fausto (2004), de Paula Mastroberti, e a revisitação do cânone”, Vanderléia da Silva Oliveira e Fernanda Aparecida de Freitas abordam a obra *Angústia* de Fausto (2004), de Paula Mastroberti, a partir da intertextualidade que realiza com a obra *Fausto*, de Goethe. De base bibliográfica, objetiva-se na análise verificar como a narrativa se apropria de alguns temas presentes na obra canônica, revisitados no contexto contemporâneo, e que podem aproximar o jovem leitor do clássico alemão. Os recursos utilizados pela autora para a composição da narrativa são estudados e pensados nesse texto com vistas a destacar a potencialidade do uso da obra em espaço escolar, destacando-se a presença de recursos visuais e o foco narrativo, além de outros elementos. Como resultado, verifica-se que a obra estudada por Oliveira e Freitas, além de estimular o leitor a perceber os intertextos com o clássico alemão, também o estimula a interagir com a linguagem não-verbal presente na obra, construindo os sentidos através de uma leitura multimodal e intertextual.

Em “Corpos Falantes e Vozes Caladas: A performance do corpo no conto ‘Hoje de madrugada’, de Raduan Nassar”, Ana Paula Franco Nobile Brandileone e Maria Luiza Navarro Martins tratam da obra de Nassar como experimental pela crítica literária brasileira e reconhecida pelo seu lirismo, estilo e universalismo. Para além dessas características, este estudo considera a presença da performance do corpo como elemento integrante do experimentalismo da linguagem nassariana. A fim de compreender como o corpo é transmutado em signo toma-se como objeto de análise o conto “Hoje de madrugada”, publicado na coletânea *Menina caminho* e outros textos (1997). Para tanto, utiliza-se aporte teórico interdisciplinar que abrange a teoria da narrativa, os estudos performáticos e trabalhos que abordam a relação entre literatura e performance, bem como a crítica nassariana, com o intuito de investigar a construção de um discurso narrativo mediado por corpos.

No artigo “Árvore: Ecologia na literatura impressa e na literatura digital – uma comparação entre Rui Torres e Adélia Prado”, de Marta Botelho Lira e Alice Atsuko Matsuda, é apresentada uma comparação entre literatura impressa e digital, a partir dos poemas “Árvore”, de Rui Torres e o poema “Anímico”, da obra *Bagagem* (1976), de Adélia Prado. Em seu texto, Lira e Matsuda debatem a definição do que é poesia conforme o *Arco e a Lira* de Octávio Paz, diferenciando então a literatura digital e a impressa, dando ênfase no gênero poesia. Na terceira parte, são evidenciadas as características semelhantes entre os poemas escolhidos para exemplificar a discussão. Como resultado esperado, as duas autoras buscam contribuir para pesquisas no meio acadêmico sobre literatura digital, o conceito de poesia e estudos voltados para poesia de Adélia Prado e Rui Torres.

No artigo “Sou Catatau: Logo, Ex-Isto”, Dalva Lobo discute a tradução intersemiótica a partir da transposição de Catatau, de Paulo Leminski para o cinema, com o *Ex-isto*, de Cao Guimarães. O problema norteador destacado pelo autor é a construção do som-silêncio/ruído-silêncio em ambas as matrizes de linguagem, assumindo como objetivos identificar as características performáticas da personagem, algo presente nos fragmentos da obra e do filme, considerando as fronteiras e convergências possíveis, mobilizando assim os conceitos de voz, performance e ruído, em Zumthor e Russolo, e de rizoma, em Deleuze e Guattari.

Em “Crianças e Manoel de Barros: Uma relação transmidiática”, Christiane Silveira Batista, Evelin Gomes da Silva e Paulo Custódio de Oliveira analisam a poesia de Barros, defendendo-o como um dos expoentes da poesia pós-modernista brasileira. As obras de Barros são repletas de musicalidade, figuras de linguagem e “desviação ortográfica” – o idioleto manelês arcaico (BARROS, 1996). Diante disso, Márcio de Camillo propôs musicar alguns poemas de Manoel de Barros, dando origem ao *Crianças*, conjunto de mídias inspirado na poesia de este autor. Considerando esse panorama, a tríade de autores do artigo reflete, a partir de teóricos como Clüver (2006, 2011), Elleström (2017), Rajewsky (2012, 2020), Wolf (2020), entre outros, sobre como os conteúdos transmídias (FECHINE, 2018) do *Crianças* podem modificar a relação do público com a obra de Manoel de Barros.

No artigo “Um estudo sobre a adaptação do romance Memorial de Maria Moura, de Rachel de Queiroz, para a minissérie homônima da Globo”, de Lídia Alcântara, a narrativa de Queiroz, intitulada *Memorial de Maria Moura*, publicada em 1992, e sua adaptação homônima para a televisão em forma minissérie, exibida pela Rede Globo em 1994 é estudada a partir de sua relação entre texto romanesco e imagem televisiva. Em seu texto, Alcântara estuda a transposição do livro para a televisão e os recursos utilizados nessa transposição, os quais aproximam a narrativa escrita da televisiva. Para tanto, a autora utiliza como aparato teórico estudiosos como Linda Hutcheon, Ana Balogh e Gerard Genette.

Por fim, no texto “Cinema e Literatura: A visita do Papa a Melo e o diálogo interartes”, de Jian Marcel Zimmermann, é avaliado o tratamento artístico dado por diferentes artes, cinema e literatura, a um mesmo fato oriundo do mundo factual: A visita do Papa João Paulo II à cidade uruguaia de Melo, em 1988. Elegemos como *corpus* de análise o longa-metragem *El Baño del Papa*, lançado em 2007; também o livro *O Dia em que o Papa foi a Melo*, de Aldyr Garcia Schlee, lançado originalmente no Uruguai, em 1991. Em seu texto, Zimmermann se vale das teorias dos Estudos Interartes, que, apesar de desenvolver uma verificação paralelística, detectaram ainda entrelaçamentos estruturais com outras artes.

Portanto, o presente número de Letras compreende um conjunto de artigos que versem sobre hibridação de gêneros, adaptações e traduções intersemióticas, narrativas multimídia, intermídia e transmídia, literatura e tecnologias digitais, além de ensaios que debatam, analisem e interpretem as poéticas interartes de uma perspectiva conceitual, teórica e aplicada. Durante três meses, recebemos artigos de várias partes do Brasil, culminando no conjunto de textos que agora resulta neste número. Um conjunto que tem a pretensão de apresentar um panorama das múltiplas relações entre literatura e outras artes e mídias.